

## LAZER E TURISMO: ACEPÇÕES E INTERAÇÕES NO CONTEXTO DO PROJETO ROTA DAS GRUTAS DE PETER LUND/MG

**Recebido em:** 10/09/2018

**Aceito em:** 02/05/2019

*Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira*<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** Este artigo nasce da inquietação relativa à necessidade de aprofundar a compreensão sobre os contornos e fronteiras estabelecidos entre os temas lazer e turismo. O objetivo foi analisar as acepções entre os conceitos nos contornos do projeto de governo denominado Rota das Grutas de Peter Lund. Foram realizadas 27 entrevistas com representantes das instâncias de governança estadual, regional e municipal, empresários e lideranças comunitárias. Os dados foram analisados com o aporte do *Software* Nvivo. Fez-se uso dos recursos, frequência de palavras e análise de cluster, técnica exploratória para análise multivariada que possibilita agrupar sujeitos ou variáveis. Os resultados apontam que o turismo e o lazer estão fortemente associados à cultura e sociabilidade. O deslocamento para fora de seu local de residência é apontado como traço marcante para a distinção entre os conceitos.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Turismo. Cultura. Dimensão Humana.

### LEISURE AND TOURISM: ACCEPTIONS AND INTERACTIONS IN THE CONTEXT OF THE PROJECT ROTA DE GRUTAS DE PETER LUND/MG

**ABSTRACT:** This article concern to understanding the boundaries established between leisure and tourism themes. The objective was to analyze the meanings between the concepts in the contours of the government project denominated Rota das Grutas de Peter Lund (Route of Caves of Peter Lund). Twenty-seven interviews were conducted with representatives of state, regional and municipal governance bodies, entrepreneurs and community leaders. The data were analyzed with the support of Nvivo Software. The resources, frequency of words and cluster analysis, exploratory technique for multivariate analysis that makes it possible to group subjects or variables. The results indicate that tourism and leisure are strongly associated with culture and sociability. The displacement outside his place of residence is pointed as a striking feature for the distinction between the concepts.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Tourism. Culture. Human Dimension.

<sup>1</sup> Docente do Instituto de Geociências e do Curso de Turismo da UFMG. Doutora em Estudos do Lazer pela UFMG.

## Introdução

Este artigo nasce da inquietação relativa à necessidade de aprofundar a compreensão sobre os contornos e fronteiras estabelecidos entre os temas lazer e turismo.

É perceptível, em uma parte considerável das publicações, que o lazer é assimilado como um campo de conhecimento no qual o turismo faz parte como um de seus conteúdos culturais (CAMARGO, 1998). É igualmente perceptível que, geralmente, algumas publicações, e de modo específico àquelas oriundas de outras áreas como a administração, a economia, a geografia, e até mesmo do turismo, são elaboradas a partir de textos clássicos que apontam para essa direção, sem aprimorar novas reflexões. Entretanto, à medida que os estudos sobre as áreas avançam, novas inquietudes emergem, indicando a exiguidade de alguns debates, ou ainda a imprescindibilidade de rediscutir algumas compreensões que parecem pré-estabelecidas. Os dados foram analisados com o aporte do *Software* de análise qualitativa Nvivo.

Este é, portanto, o objeto deste artigo, ampliar o debate iniciado por alguns pesquisadores brasileiros (LINCOM, 2010 SOUZA, 2010). Os estudos elaborados por eles foram realizados a partir de fontes secundárias, e buscaram cada um a sua maneira, compreender as aproximações e distanciamentos entre os dois campos do conhecimento. Ao analisar os textos, percebe-se certa frustração dos pesquisadores com as conclusões alcançadas, o que permite visualizar lacunas a serem preenchidas. Este artigo tem a pretensão de responder às seguintes questões: Como o lazer e o turismo são compreendidos pelos diferentes públicos envolvidos por um projeto de turismo derivado de ação governamental? O que os aproxima e distancia na visão desses públicos? Quais dimensões são reconhecidas pelos diferentes públicos?

Para alcançar respostas para essas questões, o objetivo foi analisar as acepções de turismo e lazer nos contornos do projeto Rota das Grutas de Peter Lund.

Na concepção do Estado esse projeto foi elaborado a partir de uma perspectiva multi/interdisciplinar, e representa uma de suas ações em direção ao desenvolvimento da Região Carste, localizada ao norte de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. O projeto abrange cinco municípios: Belo Horizonte, Sete Lagoas, Pedro Leopoldo, Lagoa Santa e Cordisburgo.

O nome dessa rota turística, foi uma homenagem a Peter Lund, um dinamarquês nascido em 1801 que visitou o Brasil pela primeira vez aos 24 anos para fugir do clima nórdico, temeroso da tuberculose que havia vitimado seus dois irmãos. Lund fixou residência em Lagoa Santa, Minas Gerais, no ano de 1833. Nas cavernas da região, descobriu mais de 12 mil peças fósseis, ossadas do chamado “homem de Lagoa Santa”, fóssil humano que possibilitou reescrever um importante período da pré-história brasileira, e que permitiram escrever a história do período pleistoceno brasileiro.

A abordagem metodológica foi quali-quantitativa (FLICK, 2009), observando informações obtidas por meio de pesquisa bibliográfica, documental e empírica. Na pesquisa documental, foram analisadas 168 atas de reunião da instância de governança regional, considerando a relação do projeto com a política de regionalização do turismo brasileiro, os manuscritos, os documentos produzidos acerca da RGPL, na fase documental. Na fase de campo foram realizadas 27 entrevistas com representantes das instâncias de governança estadual, regional e municipal, empresários e lideranças comunitárias. Para assegurar o anonimato, cada entrevistado recebeu um cognome estabelecido a partir das grutas existentes e catalogadas na região, de modo mais específico no local de moradia do participante da pesquisa.

Os dados foram analisados com o aporte do *Software* de análise qualitativa Nvivo, que permite a inserção de diversos formatos de arquivos, como por exemplo Word e PDF utilizados neste estudo. Nele é possível criar categorias de análise, que podem ser definidas *a priori* ou *a posteriore*, e dispostas em arquivos separados, denominados pelo programa de *nós*. Duas formas de categorização foram observadas. A primeira referente às fontes de informações, ou seja, a categorização dos entrevistados segundo sua representatividade. A segunda, aos conceitos lazer e turismo.

Para consolidar as informações, fez-se uso de dois recursos disponibilizados pelo *software*, a frequência de palavras e a análise de cluster que consiste em uma técnica exploratória para análise multivariada, que possibilita agrupar sujeitos ou variáveis obtidas a partir de medidas de semelhança ou dessemelhança (MARÔCO, 2014). Os coeficientes utilizados foram Perce e Jaccard, obtidos a partir da categorização das fontes ou informações. A distinção entre ambos reside na forma de análise da categorização das informações. Os resultados são observados a partir de aproximação e distanciamento. Quanto mais próximo de 1, maior a correlação entre os pares que conformam um cluster submetidos à análise. As informações são apresentadas por meio de tabelas, e dendogramas, que são figuras que demonstram a organização das diversas correlações encontradas.

Antes de discorrer sobre os dados da pesquisa, é relevante apresentar a compreensão sobre lazer e turismo. O lazer é apreendido a partir de um olhar que objetiva atribuir valor à ludicidade, e a dimensão da cultura, vivenciada no tempo e espaço social (GOMES, 2011; 2014). Essa perspectiva também reconhece o lazer como um direito, tal qual expresso na Constituição Federal brasileira de 1988, e por diversos autores, dentre eles Gomes e Isayama (2015). É importante destacar que, diferentemente

do direito legal, que se estrutura a partir da relação tempo de trabalho e não trabalho, o direito social apresenta uma lógica alicerçada na noção de cidadania, e caracteriza a importância do lazer para o desenvolvimento social e humano.

O turismo, por sua vez, tem sido descrito como uma atividade que emerge, assim como o lazer, no até então fecundo período da modernidade e, portanto, associado à reprodução da lógica de acumulação do capital e frequentemente analisado sob a perspectiva econômica. Contudo, tal qual o contexto que caracteriza o lazer, diversas são as incongruências reveladas por essa lógica. Destacam-se aquelas relacionadas aos impactos ambientais e sociais, decorrentes de um modelo de produção associado à economia de escala, e não de escopo. Esse caminho de consumismo não sustentável, apresentado por esse modelo massificado, há mais de quatro décadas, vem apresentando sinais de que não é mais viável (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016). Diante de um cenário de contradições, e na intenção de refletir a lógica instalada, emergem no final do século XX e início do século XXI novos estudos que deslocam a associação do turismo apenas à dimensão econômica, ponderando sobre uma nova orientação, ou seja, sua associação às práticas sociais, e, portanto, a um fenômeno de contornos sociais (MOESCH; GASTAL, 2004), visão com a qual se coaduna. Nessa mesma direção, a Organização Mundial de Turismo, em diversos artigos do código de ética de 1999, o considera como um direito de todos os habitantes do planeta. A ótica do direito ao turismo aqui destacada difere daquela que versa sobre questões jurídicas, tais como destacadas por Onghena (2016), e se associa àquela que reafirma o direito à mobilidade e às questões inerentes à vida do ser humano como, por exemplo, o acesso à cultura, ao conhecimento, e à ludicidade. Sob esse olhar o turismo é compreendido como fenômeno social complexo, uma prática social de base cultural, que conforma uma diversificada

rede de inter-relacionamentos repleta de objetividades e subjetividades (MOESCH;GASTAL 2004).

Resulta, portanto, que lazer e turismo são fenômenos sociais, complexos, dialéticos e multidisciplinares. Por isso, ao se tornarem escopo de políticas públicas e projetos concretizados em diversos contextos, podem impulsionar determinados processos sob distintas perspectivas que não apenas a econômica. É preciso, portanto, observar como são compreendidos esses fenômenos quando se trata da interação entre sociedade e estado em projetos que visam o turismo, como tratado a seguir.

### O lazer nos Contornos do Projeto

Os dados discutidos a seguir demonstram a compreensão dos sujeitos acerca do lazer e do turismo. Os entrevistados (27) foram convidados a apresentar sua compreensão sobre os dois campos de conhecimento. Ao agrupar todos os sujeitos, tem-se o resultado exposto na (Figura 1).

**Figura 1: Nuvem de palavras (50) – lazer**



Fonte: Nvivo - Dados da pesquisa.

O lazer é qualificado no conjunto dos termos de maior incidência nesta categoria, a partir de quatro dimensões distintas, porém intercambiáveis entre si:

humana/social, temporal, espacial e ambiental (Figura 1).

A dimensão humana/social se apresenta como a mais significativa e eixo central: o lazer diz respeito à interação lúdica entre pessoas. Ela se conforma como raiz, pois é estabelecida a partir das particularidades da cultura local na fruição do lazer, representadas na nuvem pelas palavras pessoas, pessoal, comunidades, cultura, festa, evento, sentido, conhecer, por exemplo. É também a partir dela que são percebidos os vínculos com as demais dimensões aqui identificadas e analisadas.

As características mais significativas do lazer dos residentes são aquelas provenientes das interações sociais, que geralmente se estabelecem nos momentos de encontros de naturezas distintas. Esses encontros podem ocorrer na praça. Um espaço de significativa importância para os residentes de cidades interioranas e pequenas como o caso de Cordisburgo. É um local simbólico, pois, ao que parece, a vida passa por ali, quando possibilita a interação não só entre os residentes, mas também com o turista. É um local para ver e ser visto, pois representa uma fonte de curiosidade fascinante (URRY, 2001). É, portanto, na simplicidade do ato de ficar sentado na praça vendo o movimento passar, conversando com os amigos ou turistas, ou revivendo histórias do passado nessas conversas, que são experimentadas as sensações de gratuidade, bem-estar e satisfação.

As interações também ocorrem nos momentos de prática religiosa, na “feirinha” (caso específico de Pedro Leopoldo), ou em algum outro evento, e expressam, sobremaneira, a força das relações entre familiares e amigos mais próximos, no lazer dos munícipes dessa região. Estão presentes, ainda, os momentos de ócio contemplativo, realizados na Serra de Santa Helena em Sete Lagoas (ambiental), os passeios com animais, ou uma simples entrega ao ócio, ou seja, o descanso, mas

também como uma opção de se permitir um momento para estar consigo mesmo.

As práticas corporais são igualmente percebidas nessa nuvem de palavras relacionadas às compreensões e práticas de lazer para os entrevistados, que citaram de maneira mais específica as caminhadas. Essas perfazem uma coligação com outra dimensão, a espacial, e demarcam alguns locais onde ocorrem. O entorno da lagoa (Sete Lagoas), os parques (conexão com a ambiental), ou praças, ou ainda aquelas oriundas de algum projeto da prefeitura, ao proporcionar atividades físicas como a academia ao ar livre (Cordisburgo), possibilitando a melhora da saúde física e emocional.

O lazer é percebido por muitos entrevistados como algo presente no dia a dia, ou seja, sua fruição é corriqueira e parte do cotidiano. Ele pode ser vislumbrado como uma prática coletiva que ocorre a partir da interação com a família ou amigos, mas também individual, ou seja, um momento que é dado para si próprio, reafirmando seu caráter de livre escolha (MARCELLINO, 2002).

[...] o lazer de uma cidade de interior... a cidade do interior já tem um cotidiano de lazer. É um sossego. Então o lazer das pessoas do interior é esse lazer de tá sentado no banco da pracinha, batendo papo, contando histórias antigas. Da turminha jogar bola ao fim de semana (MEIO, 14 fev. 2017).

Ah! Lazer, pra mim, é qualquer forma de **distração** de uma família. Tem o cinema, o teatro, a dança. A pessoa **vai ali**, curte aquele evento de lazer, por exemplo, numa praça, vê uma orquestra tocando e vai embora. O lazer, pra mim, é isso. **E é ida e volta, bate e volta num lugar e pronto**. [...] o futebol, que vai lá, assiste um jogo. É lazer (ERITRINA, 20 fev. 2017). (Grifo da autora).

Porque **o momento de lazer é muito pessoal de cada um**. O momento de lazer é, às vezes, o menino tá lá na balada e o momento de lazer meu é eu tá na minha casa tranquila. **É o meu momento que eu respeito que eu to comigo**, que eu to até conversando com a pessoa e tudo, mas sem pensar... (PEDRA VERMELHA, 31 mar. 2017). (Grifo da autora).

Então, a gente pode considerar o lazer como algo que você faz mais intimamente, né? **É uma forma de distração mais íntima e mais restrita**, seria essa a palavra (OSSO, 12 jan. 2017). (Grifo da autora).

**Lazer, pra cada um é muito diferente**, né? [...] Porque pra mim o lazer pode ser sentar na serra do Santa Helena e ficar ali no **ócio**, eu não preciso ter que conversar, ter que beber, socializar, mas pra maioria das pessoas é isso, e aí eu tenho que entender a demanda das pessoas (NINHO, 14 dez. 2016). (Grifo da autora).

Ah! O lazer acho que tem muito a ver com **bem-estar**, né? Que... o quê... tudo, né, que acho que as unidades, elas proporcionam com relação ao lazer é muito bem-estar de **tá num ambiente protegido, num ambiente preservado**, né, e poder fazer várias **atividades: caminhada**, de... de... algumas, né, proporcionam **esporte**, que, né, o Sumidouro tem escalada. É... é esse contato, né, com a natureza mesmo. Aí é mais ou menos isso assim. Algumas áreas, né, promovem atividades, né, específicas muito voltada pra parte de **educação ambiental** (ESQUECIMENTO, 20 fev. 2017). (Grifo da autora).

Lazer é... eu, por exemplo, aqui. Final de semana eu não saio de casa. **É aquilo que onde você está, te oferece**. O quê que Sete Lagoas oferece de lazer pra mim que sou residente aqui? Eu saio de lá, eu vou num restaurante comer uma comida boa. Pra mim é uma forma de lazer. Eu sair de lá e visitar um teatro, uma feirinha, ir numa igreja, conhecer uma igreja diferente, ir numa lagoa dessa conhecer, então é **uma forma de lazer que tá ali do seu lado**. Você sai da sua casa, vai naquele lugar, **visita, aproveita e volta, retorna**. Num preciso desprender de um dia inteiro pra fazer isso ou de um final de semana. Você **tira uma hora ou duas horas e faço isso** (DA TORRE, 13 mar. 2017). (Grifo da autora).

Ao associar o conteúdo expresso pela análise de frequência de palavras aos trechos das falas, é possível apreender o caráter humano/social, o cotidiano e a proximidade na fruição do lazer para os sujeitos da pesquisa. O refinamento da análise de frequência de palavras deixa ainda mais claro os pontos destacados anteriormente (FIGURA 2).

**Figura 2: Nuvem de palavras (20) – Lazer**

Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Por outro lado, é digna de nota a presença nos depoimentos, da relação dicotômica tempo de trabalho e não trabalho, cedendo espaço para outras percepções, como se pode notar na (Figura 2).

Porque o lazer, pra mim, é na hora que eu acabei de sair do meu trabalho, eu to simplesmente sentada na minha casa descansando é o meu momento de lazer. É o meu momento de eu não pensar em nada. Esse é o lazer (PEDRA VERMELHA, 31 mar. 2017).

Essa conotação restritiva para o lazer, ligada a uma possível evasão da realidade (“não pensar em nada”), devida provavelmente às condições de vida e de trabalho atuais, apareceu somente em uma entrevista. “O problema em visualizá-lo desse modo está na referência a ideias parciais, que podem reduzi-lo, por exemplo, à fuga da rotina e válvula de escape do ambiente do trabalho” (SANTOS; GOMES, 2016, p. 424).

Nas demais entrevistas, outras atribuições e significados se revelaram de modo expressivo, possibilitando assim o distanciamento dessa visão restritiva do lazer, e desse modo, favorecendo aproximações a outras concepções, notadamente aquela associada à cultura,

[...] compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. É fundamental o traço definidor, o caráter desinteressado dessa vivência. Ou seja, não se busca, pelo menos fundamentalmente,

outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio (MARCELLINO, 2002, p. 48).

Bem como aquela sob a qual este estudo se apoia e que considera que o lazer é uma “dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos” (GOMES, 2014, p. 9).

A dimensão espacial é definida por um conjunto de palavras que demarcam não só ambientes específicos, mas, principalmente, alguns limites territoriais. Por exemplo, o entorno, utilizado para expressar a influência das unidades de conservação, a cidade, como o espaço em que o lazer é praticado cotidianamente, e a região, termo empregado em associação ao turismo (Figura 1), e também como uma forma de reivindicar outras opções de lazer para os municípios.

No emaranhado de palavras e conjunto das falas, percebe-se a diversidade de elementos que emergem para elucidar o entendimento acerca do lazer para os sujeitos deste estudo. Este, por sua vez, está associado a um conjunto de atividades de naturezas e motivações distintas, reafirmando sua vinculação com a cultura, com as escolhas pessoais, e sua ocorrência em um tempo-espaço social. Assim sendo, é possível reafirmar que

[...] as manifestações culturais que constituem o lazer são práticas sociais vivenciadas como desfrute e como fruição da cultura, que cada vez mais se constrói nas interações entre o local e o global. Podem ser ressaltadas, por exemplo, a festa, o jogo, a brincadeira, o passeio, a viagem, as diversas práticas corporais, a dança, o espetáculo, o teatro, a música, o cinema, a pintura, o desenho, a escultura, o artesanato, a literatura e a poesia, a virtualidade e as diversões eletrônicas, entre incontáveis possibilidades. Essas e outras manifestações detêm significados singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente no tempo/espaço social (GOMES, 2011, p. 19).

É importante destacar que uma parcela significativa dos entrevistados ao se referirem ao lazer direciona, primeiramente, o seu olhar para aquilo que o município oferece como produto turístico aos visitantes, como o Parque Estadual do Sumidouro em Pedro Leopoldo, as grutas e a Serra de Santa Helena em Sete Lagoas, por exemplo. Pondera-se, por conseguinte, que esse fato seja um indício do distanciamento dos autóctones desses espaços de lazer.

O turismo foi uma palavra muito presente no discurso dos entrevistados sobre o lazer. Talvez influenciados pelo recorte da pesquisa, mas o contexto analisado aponta para a compreensão que concebe o turismo como resultante do lazer, entendimento também compartilhado por Urry (2001), Taveira e Gonçalves (2012), Coriolano; Vasconcelos (2014), entre outros. Contudo, a compreensão adotada neste artigo é distinta, ao compreendê-los como campos distintos, porém intercambiáveis como dito na sessão introdutória, e também explicitada mais adiante.

No contexto das falas, a junção entre os termos se dá quando o olhar dos entrevistados se volta para as unidades de conservação que abrigam as grutas, bem como o projeto RGPL, e, portanto, está associada ao fluxo de turistas e excursionistas na região.

Mesmo o turismo sendo vinculado ao lazer, parte dos entrevistados tentou fazer uma distinção entre eles. Contudo, ficaram evidentes dificuldades no estabelecimento da diferenciação pretendida. Isso nos remete à discussão referente ao posicionamento assumido neste artigo, que considera a existência de uma porosidade no estabelecimento dos contornos, fronteiras e limites entre o turismo e o lazer, conforme destacado por exemplo em Araújo; Isayama, 2009; Gomes; Pinheiro; Lacerda, 2010; Lacerda, 2010; Santos; Gomes, 2016.

Contudo, é preciso realçar a diversidade de visões, entendimentos e percepções que caracterizam o sentido e o significado atribuído aos temas em destaque para os sujeitos desta pesquisa. Com isso, a heterogeneidade envolta se evidencia como outra característica marcante, e coloca em foco as diversas conceituações existentes, revelando que, em parte, elas representam o entendimento que perpassa o imaginário das pessoas. Por isso, torna-se cada vez mais desafiador estabelecer um conceito que seja capaz de abrigar toda a dessemelhança envolta. Mas, o que se pode ratificar é o fato de que:

Una cosa es plantear un concepto ideal de ocio y otra es la realidad que se vive en nuestras diferentes culturas y sociedades, en las que abundan de prácticas de ocio estandarizado, pasivo o, incluso, nocivo desde el punto de vista de un crecimiento sano y feliz<sup>2</sup> (ORDURA; URPÍ, 2010, p. 88).

E também que:

Afinal, um conceito não é o fenômeno, é somente uma representação da realidade que se pretende designar. A formação de conceitos é um processo que corresponde ao movimento do pensamento e envolve a utilização de determinadas palavras, a abstração de características e o exercício de simbolizações e sínteses (GOMES, 2014, p. 6).

Essa argumentação se fortalece ao compreender a dimensão humana, que se constrói e se revela a partir de um processo de interação com o meio no qual o indivíduo está inserido, e do indivíduo consigo mesmo, como o eixo central, e não estático. Por isso, muitas são as possibilidades de compreensão e atribuição de significados ao lazer.

Paradoxalmente, do ponto de vista da atuação do Estado a partir de orientações constitucionais, na garantia dos direitos sociais, e do bem-estar da sociedade, Menicucci (2006) aponta que permanece o desafio de conceber um conceito mais preciso, para que,

---

<sup>2</sup> Uma coisa é propor um conceito ideal de lazer e outra é a realidade que é vivida em nossas diferentes culturas e sociedades, que abundam em práticas padronizadas, passivas ou até mesmo nocivas do ponto de vista de um crescimento saudável e feliz (Tradução livre).

assim, seja possível a elaboração de políticas públicas mais eficazes. No entanto, diante do que foi exposto, supõe-se que não seja necessário um consenso universal acerca do conceito de lazer, mas sim, que o assumido na elaboração de políticas públicas seja representativo, sobretudo, dos traços culturais daquela sociedade, e, portanto, deve considerar outras epistemologias (SANTOS, 2010). Assim, do ponto de vista desta pesquisa, o conceito assumido pelo estudo é considerado adequado à realidade do país e da região estudada.

Os trechos a seguir denotam outras facetas do lazer para os sujeitos da pesquisa, e sua associação às dimensões identificadas anteriormente:

[...] há maior lazer do que **entender** por exemplo a transição de cerrado para a mata que a gente vai encontrar quando chegar em Lagoa Santa? Todo o sistema de funcionamento de uma área cárstica como de repente sumidouros que vão, vamos dizer assim, por canais subterrâneos. O mistério das grutas do silêncio, da escuridão. Há maior **prazer** do que do alto daquela serra antes de sair para Maquiné, ver todo o sertão? Há maior lazer do que **imaginar** aqueles animais que onde eles corriam e aqueles homens primitivos? Há maior lazer do que **desfrutar** de uma comida de D. Hayde? Uma cachaça de 5, 6 anos? Quer dizer, há maior prazer do que no mês de agosto, setembro e outubro ir para Maquiné e **ver** aqueles ipês amarelos ou roxos ou brancos arrebetando com as folhas tão bonitas que a árvore fica com vergonha e perde todas as folhas. Há maior lazer do que **olhar para trás no espelho retrovisor do tempo e ver as raízes do Brasil** que ninguém conhece, ninguém estuda porque a história do Brasil começou com o Sr. Cabral. **Então há lazeres e lazeres.** [...] Há maior lazer que ver um jogador de futebol que ganha muitos milhões comprar um avião pra levar piriguetes do Brasil para a Europa pra **divertimento próprio**? Enfim, é lamentável que o cara esteja em volta de museus e coisas históricas e simplesmente prefira os gritos da alcova do que isso. Então o que é o lazer? **É sentir-se bem.** Agora eu me sinto bem caminhando pela história, vendo monumentos, **realçando a atividade humana, tocando com a ponta dos dedos um tempo passado imenso**, então que isso que eu descobri pudessem também outros descobrir. **Isso é um lazer que enche**, vamos dizer assim, não só a mente, mas o coração (MIRANTE, 16 jun. 2016). (Grifos da autora).

Então eu acho que o lazer é você **sentir a cultura**, mas dando sabor. E quem proporciona esse lazer é que tem que preconceber os problemas que podem acontecer ali pra quem tá desfrutando o lazer não ter e não perceber esses problemas. Eu acho que **lazer não é num fazer nada**

**não**, pelo contrário, que às vezes você se cansa mais. Mas eu acho que a gente cansa porque a gente quer **adquirir a cultura**. A gente quer saber de tudo que tá acontecendo. Então, o lazer, acho que é essa **busca do sentido, da experiência, do viver**. Mas sem uma obrigaçõzinha, né? Meio solto, mais pro passageiro, pro turista e não pra quem tá trabalhando (PARQUE DO MANGABEIRAS II, 21 fev. 2017). (Grifos da autora).

Abstrai-se que o lazer é algo que faz parte do ato de viver, e se associa à busca de sentido, por meio de experiências pessoais e sociais, na maioria das vezes prazerosa, fazendo-se valer da cultura e da ludicidade como “apropriação expressiva do processo vivido, e não apenas do produto alcançado” (GOMES, 2011, p. 19), e desse modo “representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente” (GOMES, 2014, p. 12).

Cabe destacar, também, que “as aspirações em matéria de lazer não podem ser reduzidas à simples distração, a apenas divertimento. Elas traduzem especialmente a busca de informação, o encontro com o outro, o desafio, os prazeres da vida cultural” (PRONOVOST, 2011, p. 136). Desse modo, e coadunando-se com Müller; Da Casta (2002), ele deve ser considerado como um fator de desenvolvimento humano.

É importante salientar que embora a região seja abastada em recursos naturais e culturais, percebidos como sua riqueza pelos entrevistados, bem como recursos turísticos, ao questionar os sujeitos da pesquisa sobre o seu lazer, percebe-se que as unidades de conservação estão afastadas da opção dos residentes. Isso reafirma o distanciamento identificado anteriormente, e aponta para a preocupação dos gestores municipais quanto à influência da Rota das Grutas de Peter Lund para a comunidade.

Os moradores daqui? Muito pouco. Pouquíssimos. Pouquíssimos. A maioria das pessoas desconhece... **a maioria dos sete-lagoano desconhece a Gruta Rei do Mato**, por exemplo. O ponto turístico mais visitado aqui é a Serra de Santa Helena. Depois da Serra de Santa Helena seria o Parque da Cascata, mas como ele está fechado há mais de 3 anos, infelizmente, né (ESPELHO, 13 mar. 2017)? (Grifo da autora)

Uma grande preocupação da época da Rota Lund é que aquilo ali pudesse ser uma ilha que o turista entra, compra o souvenir e segue de ônibus pra outra gruta e sequer se da conta do que é Sete Lagoas. Isso aí foi muito conversado a época da estrutura do edital do PPP com o governo do estado, dessa nossa grande preocupação e **como a rota ainda não aconteceu** e a gente não tem como dizer se eles conseguiram ajustar esse cuidado ou não, mas foram preocupações constantes em todas as reuniões que aconteceram, aqui na gruta teve, parque do sumidouro teve e todas que ocorreram em Belo Horizonte. **Os municípios levavam essa grande preocupação de que a unidade de conservação fosse uma ilha, de ilha pra ilha e que os municípios ficassem a parte dessa situação toda** (NINHO, 14 dez. 2016).

Interpretando as preocupações apresentadas, percebe-se um duplo sentido aí imbricado. O distanciamento da comunidade em relação aos recursos disponíveis para a fruição do lazer presentes em seus territórios, e o contrassenso que reconhece a distinção, a riqueza natural e cultural como atrativo turístico. Isso permite questionar: Por que as unidades de conservação que abrigam o projeto Rota não são uma opção de lazer para os residentes? Um lazer mais comercial, do tipo shopping, cinema, e locais para diversão eletrônica, ou seja, um lazer mercantilizado, e por que não dizer padronizado? Seria um traço da cultura local, a não apropriação dos benefícios sociais, notadamente do lazer nas unidades de conservação que abrigam a Rota? O que determina esse distanciamento?

Estranhou-se, portanto, a dicotomia entre o sentimento de pertencimento para com os recursos naturais e culturais existentes na região, e o distanciamento deles quando se trata das opções de lazer dos residentes. Percebeu-se que isso ocorre, primeiramente, pelo fato de que as unidades de conservação que abrigam as grutas que compõem a rota estão em certa medida afastadas da cidade, e o acesso a elas é limitado. As unidades de conservação se tornam opção de lazer e motivo de orgulho, no momento em que os residentes recebem parentes e ou amigos oriundos de outras cidades, ou seja, os visitantes.

No bojo desta pesquisa, o turismo, como integrante do lazer, é percebido como um importante elo para

[...] a manutenção do tecido social, na preservação dos recursos naturais e como expressão da cultura de um povo, que além de ser organizado para uma racionalidade ele contribuiu na organização e na construção de uma outra racionalidade (MORTIGNONI; CORONA, 2013, p. 155).

Ao considerar a manutenção do tecido social a partir de práticas de lazer, percebe-se a existência de uma lacuna para explicar os motivos pelos quais a população não se apropria das benesses providas pelas unidades de conservação.

Nota-se que tanto no Parque Estadual do Sumidouro, em Pedro Leopoldo, quanto no Monumento Natural Gruta Rei do Mato, em Sete Lagoas, a frequência de usufruto por parte da população é baixa. Segundo informações obtidas por meio das entrevistas (NINHO, 14 dez. 2016), a visitação a essas unidades de conservação por parte dos moradores é muito aquém do esperado. Para a entrevistada, os motivos estão associados ao desconhecimento da gruta (Rei do Mato), e, portanto, para as opções de lazer ali disponíveis, o acesso não é facilitado, como já observado, e uma parcela da população que nem mesmo sabe que ela pertence ao município. Essa situação é colocada por outro entrevistado, o que demonstra a ocorrência em outra unidade de conservação.

É... eu acho que Pedro Leopoldo ainda... é, eu acho... pelo que eu conheço assim de Pedro Leopoldo eu não vejo ainda... não... eu não... **acho que o povo não enxerga muito o parque como um... é... uma fonte de lazer assim**, né? Um bônus assim pra cidade (DOBRA, 02 dez. 2016).

Outro ponto a ser destacado é a geração de conflitos que foram engendrados,

principalmente no momento em que foram estabelecidos os contornos físicos das unidades de conservação definidos por leis e decretos estaduais, principalmente do Parque Estadual do Sumidouro, e Monumento Estadual Natural Peter Lund – Gruta de Maquiné. E também as discussões acerca do processo de modelagem da Parceria Público Privada - PPP da Rota Lund. Esses foram minimizados à medida que o tempo e os diálogos foram sendo estabelecidos, ou os processos interrompidos. No entanto, houve impacto no lazer daqueles que costumavam visitar essas unidades, principalmente para prática de pescaria, como no caso da lagoa<sup>3</sup> do Sumidouro.

Tendo sido percebido o distanciamento da comunidade com relação à visitação, notadamente para a prática de lazer nas unidades de conservação abrigadas pela Rota, não se pode alegar a inexistência desse tipo de visitação, nem tampouco que ela foi, ou está alijada do mesmo. É relevante destacar, no entanto, que a população é considerada, de maneira específica nos processos que envolvem a educação ambiental, uma vez que integram o escopo tanto das unidades de conservação, quanto do projeto da Rota. Diversos outros projetos que têm a educação como pilar e ocorrem com parcerias entre prefeituras/escolas e unidades de conservação visam ampliar os horizontes dos sujeitos envolvidos, notadamente das crianças, objetivando transformar a cultura do distanciamento decorrente do obscurantismo, ao estreitar os vínculos com o local, bem como fortalecer o sentido de pertencimento, ou seja, estabelecendo uma outra racionalidade, sobretudo nos municípios.

Então, pra mim isso é muito claro, que a partir do momento que eles visitarem a gruta e verem que ela é da cidade deles, isso dá..., passa a ter uma outra conotação (NINHO, 14 dez. 2016).

---

<sup>3</sup> Além das limitações de acesso, decorrentes dos limites impostos pelas unidades de conservação, há também limitações decorrentes da característica ambiental – perenidade da lagoa, agravada pelos impactos ambientais em relação aos limites da natureza. No momento em que foi realizada a pesquisa de campo no local (2017), a lagoa estava completamente seca.

O enfoque no encontro entre pessoas é demonstrado no conjunto das entrevistas como um elemento de peso quando se trata do lazer dos residentes da região. Esses e outros motivos relacionados à cultura interiorana, ou seja, o sistema de símbolos interpretáveis e correspondentes ao contexto (GEERTZ, 1989), felizmente até o presente momento, não permitiram que o expressivo e incessante desenvolvimento dos meios de comunicação afete as estruturas da vida social e por extensão as relações dentro da sociedade, como destacado no texto de Ruiz (2008).

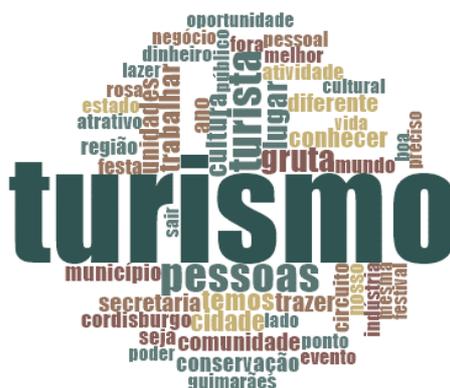
Concluindo essa discussão, não foi encontrada nenhuma evidência que indicasse uma influência positiva do projeto Rota das Grutas de Peter Lund no lazer dos residentes. Possivelmente, no futuro, as ações decorrentes dos projetos de educação ambiental, alinhados com a relevância dos trabalhos de Lund, e desenvolvidos em parceria com as escolas municipais, possam modificar a fruição do lazer naquelas comunidades, contribuindo para a apropriação das benesses que a região lhes oferece.

Tendo discutido o lazer no contexto do projeto Rota das Grutas de Peter Lund, passa-se a seguir a analisar as informações acerca do turismo.

### **Turismo: Concepções e Interações**

Diferentemente da concepção de turismo que o concebe apenas como uma atividade econômica, e a oferta de produtos padronizados e massificados, no cerne das informações (Figura 3), é significativa sua compreensão como um fenômeno social. Entendimento assumido por diversos autores (URRY, 2001; TRIGO; PANOSSO NETTO, 2003; ARAÚJO & ISAYAMA, 2009; MOESCH; GASTAL, 2013; CARVALHO & MOESCH, 2013; SHARPLEY; TELFER, 2015), bem como por este artigo.

**Figura 3: Nuvem de palavras (50) – Turismo**



Fonte: Nvivo – Informações da pesquisa.

Nota-se que o conjunto das palavras de maior incidência (Figura 3) é similar àquelas discutidas no tópico anterior, reafirmando a dimensão humana/social como a mais expressiva. No conjunto das falas, é possível afirmar que o turismo é determinado pelas atividades e atitudes de seus participantes, e possui uma série de características que podem determinar, ou não, sua contribuição para o desenvolvimento (SHARPLEY; TELFER, 2015). Sendo assim, reafirma-se o posicionamento assumido e que o compreende como,

[...] um fenômeno social, cultural e espacial, que surgiu a partir de uma prática humana, de homens e mulheres que desejaram, movidos pelas mais diversas motivações, experienciar algo diferente do que estavam acostumados a viver em seu cotidiano e em seus locais habituais de residência e convívio social (ARAÚJO & ISAYAMA, 2009, p. 147).

E também, do ponto de vista do pensamento complexo, compreendendo-o como um fenômeno humano, e por isso, não deve ser tratado de modo linear (ARDILA, 2015).

**Mas eu vejo o turismo como aquilo... como um ato de receber alguém ou fazer com que alguém vá pra algum lugar pra adquirir a cultura do lugar.** Tá tão na moda falar: O turismo agora é experiência. Não, gente. O turismo sempre foi experiência! (PARQUE MANGABEIRAS II, 21 fev. 2017) (Grifo da autora).

Eu entendo o turismo como assim um... um... **uma experiência mesmo, uma vivência** assim. Você se **envolver com o local, com a cultura**, é... com a gastronomia (FORMOSA, 17 nov. 2016) (Grifo da autora).

Mas eu vejo turismo como um viés de intercâmbio. **Intercâmbio cultural**. Eu vejo o turismo desse jeito. É a gente **ir** por causa de alguém, por causa de um lugar, por causa de um determinado patrimônio, pra **conhecer** mesmo um artista **em algum lugar que a gente não foi** e trazer, e também **as pessoas vêm pra conhecer a gente, conhecer nosso...** então é um intercâmbio. Eu vejo turismo nesse viés, sabe? Se isso desenvolve economicamente determinado lugar ou não é uma consequência do acolhimento, do lado emotivo que se tem, do que se proporciona pra quem visita. Isso, pra mim, é turismo. É essa possibilidade do intercâmbio cultural e isso é tão bom! Ameniza tanta coisa. **Dá a gente possibilidade de conhecimento diverso, de outras visões**, né?[...] Porque turismo é isso: é **você acolher bem**, disponibilizar pra aquele que tá visitando o Circuito um bom acolhimento, uma boa estadia e um **vínculo emotivo com essa pessoa**. Esse vínculo emotivo só vem pelo bom acolhimento e pela situação cultural que essa pessoa vai ter (BOI, 13 mar. 2017) (Grifos da autora).

No caso específico da região delimitada neste estudo, percebe-se que as dimensões humana/social territorial e ambiental assumem o protagonismo. A primeira – humana/social, configura-se como um importante alicerce ao integrar pessoas, lugares, acolhida, conhecimento, experiência, cultura, sentido, motivação. Mas também como retórica, sustentando a argumentação para propor uma orientação internacional para o desenvolvimento do turismo, como previsto no PMDI 2007-2023, e que parece apoiar os estudos acerca da Rota.

A segunda categoria – território, compreendido como expressão da herança cultural, sentimento de pertencimento e identidade com o local, bem como o estabelecimento de redes de sociabilidade. E ainda de relações de dominação, conforme o olhar de Milton Santos.

Há uma significativa influência da política, quando são evidenciados a Secretaria de Turismo e o Circuito, ou seja, as instâncias de governança estadual e regional. A

atuação desses segue em direção à tentativa de formação de redes de sociabilidade, entretanto, os resultados são incipientes, principalmente sob o ponto de vista da implementação de políticas e projetos, que ainda seguem a orientação *top-down*, ou seja, do topo para a base.

Destaca-se a proeminência para as questões relativas à gestão das unidades de conservação como maior força política, as grutas e o ecoturismo, como principais fatores determinantes de fluxos turísticos para a região. Nesse caso, a dimensão ambiental, representada na existência das unidades de conservação, é um fator preponderante, que influencia as ações e condutas dos demais.

As três dimensões em conjunto, no contexto das falas, têm relação direta com a Rota, e com outras ações determinadas por órgãos federais e, principalmente, estaduais. Elas apontam para a necessidade da existência de um trabalho em conjunto entre o público, o privado e a comunidade, onde esta última, por sua vez, é o ponto de partida para o estabelecimento de um processo de transformação material e social, ao definir os caminhos a serem trilhados.

Mas do meu ponto de vista é... turismo é uma **ferramenta de transformação tanto do ponto de vista do turista quanto do ponto de vista da comunidade**, né (ABELINHA, 31 jan. 2017)? (Grifos da autora).

Hoje é realmente o sentido do turismo, ele é amplo. Que eu acredito que seja como se fosse a mesma **coisa da cultura**, entendeu? [...] Pois é, a palavra cultura, o próprio turismo tá inserido nela. Não em questão de cultura de concerto, de você assistir uma peça de teatro, não é isso (PEDRA VERMELHA, 31 mar. 2017). (Grifo da autora).

Eu acredito nessa condição de **trabalhar junto com parceiros**. Junto com comunidade. Assim eu acredito no turismo. É uma **grande troca** (MITO, 21 mar. 2017). (Grifos da autora).

Os trechos realçados nos depoimentos anteriores demonstram a associação do à dimensão humana, considerando-o de maneira complexa, multi e interdisciplinar, e

ligado a outros elementos sociais e culturais. Nota-se que as relações sociais assumem a centralidade, não só na nuvem de palavras apresentada na Figura 3, mas também nas entrevistas.

O turismo, compreendido como uma atividade feita por pessoas e para pessoas, promotora de intercâmbio cultural, de troca, conforma uma via de mão dupla no processo de expansão das capacidades humanas, e transformação simbólica e material, capaz de atingir não somente turistas, mas também a comunidade.

Por isso, as informações apresentadas encontram suporte nos argumentos de Gomes e Souza (2011), no a qual o turismo é muito mais um fenômeno humano e relacional do que econômico, como em geral é apregoadado. Entretanto, estudos que demonstram os resultados estatísticos e econômicos do turismo, elaborados a partir da conceituação da Organização Mundial de Turismo – OMT têm mais expressividade do que aqueles que conclamam um novo olhar para a atividade.

Também são mais facilmente identificados aqueles estudos que alardeiam as mazelas sociais geradas pelo turismo concebido unicamente pelo viés do capitalismo. Portanto, a conotação de turismo que se pretende apresentar é aquela que redimensiona o foco econômico e o aproxima à cultura, e assim, revela novas facetas desse fenômeno, notadamente sua expressividade como vetor de transmissão, construção e valorização do conhecimento.

O conhecimento, reconhecido no PMDI 2007-2023 como “cada vez mais, determinante para a promoção do bem-estar social, da eficiência da economia, da capacidade de inovação do setor produtivo, do uso sustentável dos ativos ambientais e do bom desempenho das instituições” (p. 10), é outro pilar de sustentação, capaz de incentivar processos de transformações materiais, físicas e sociais. Por isso,

[...] não basta considerar o turismo com foco no sujeito em viagem, pois o destino e os residentes estão envolvidos nas múltiplas relações que o fenômeno estabelece, para além dos visitantes e visitados, mas também com a cultura, com o meio social e natural, com a economia local e com as apropriações do seu território. A importância do turismo reside não somente nos impactos que desencadeia, mas nas interações que opera enquanto fenômeno e também como campo de estudos (SANTOS; GOMES, 2016, p. 423).

A dimensão econômica, que não é negada por este estudo, nem sequer pelos entrevistados, é percebida como indutora de oportunidade de negócios e circulação de divisas. Ela se faz presente, pois todos os municípios que compõem o projeto almejam as oportunidades que possam advir dele, e principalmente da potencialidade turística da região.

O resultado esperado é, geralmente, a geração de emprego e renda, sobretudo em Pedro Leopoldo, que no momento da realização da pesquisa padecia com os efeitos decorrentes da redução da mineração, e Cordisburgo, município que não possui em seu território nenhuma grande indústria, ou empresa, apresenta um comércio pouco expressivo, e sua maior fonte geradora de empregos é o turismo, conforme visão dos entrevistados Ligação e Meio, mesmo que em quantidade reduzida. Ainda persiste a “cegueira situacional de encarar o turismo apenas pelo seu lado econômico ou administrativo” (TRIGO; PANOSSO NETTO, 2003, p. 97).

Entretanto, é cada vez mais evidente que esse não é o único resultado esperado. A preservação do meio ambiente, da arquitetura, do folclore, da literatura de Guimarães Rosa, ou seja, das mais diversas formas e expressões da cultura permeiam a consciência dos indivíduos ao ponderar sobre o turismo. E dessa forma o distancia da associação à indústria do entretenimento apenas.

E por último essa questão de, você pensando enquanto investimento, de oportunidades de indústria do lazer. Aí tem muito um conceito. Uma pessoa falou assim a gente, tipo assim, montar um parque de

diversão dentro do parque, sabe? Então eu tive que fazer assim: Não. Isso é uma unidade de conservação e tal. A ideia não é montar uma Disney aqui dentro (DOBRA 02 dez. 2016).

Desse modo, essa abordagem cede espaço para outras com ênfase social, cultural e ambiental para a região, como se pode ver na Figura 3. Provavelmente, devido a sua associação aos recursos turísticos, e à consciência acerca das novas demandas evidenciadas pela noção de sustentabilidade, ao apontar para a necessária revisão da maneira de agir perante as recorrentes transformações culturais que culminam em homogeneização, e nos limites da natureza, ou seja, fazer diferente. Dessa maneira, a dimensão econômica passa a ser considerada como consequência e não como um fim, e esse ponto de vista representa, principalmente, a compreensão dos gestores das unidades de conservação e representantes da comunidade.

Do ponto de vista do território/cultura, o conjunto das informações estruturadas e analisadas aponta para a existência de uma herança cultural significativa, e que essa não está relacionada apenas à presença de Lund e de seus importantes estudos na região. Há outros personagens, nascidos e criados nos municípios que compõem o Circuito Turístico das Grutas, que também merecem atenção.

É reconhecida a presença e importância de Guimarães Rosa, de modo especial em Cordisburgo, sua cidade natal, mas também nos outros municípios do circuito. Lá, outras ações têm sido desenvolvidas, como por exemplo, a Semana Roseana. Nessa semana, a cidade que se orgulha e marca a presença de seu filho ilustre, se mobiliza para receber aquelas pessoas interessadas na literatura, nos estudos e na valorização das obras desse autor.

Algumas ações endógenas estão sendo criadas a partir desse “produto turístico” – Semana Roseana. No projeto inicial, há uma ação, que ocorre até os dias de hoje, que é a inclusão de crianças das escolas públicas na faixa etária entre 10 a 18 anos, no grupo

dos “Miguilins” – contadores de histórias, que atuam dentro do museu Guimarães Rosa.

No entanto, uma geração já se completou, e os jovens que não mais podem fazer parte do projeto, percebendo a importância desse tipo de trabalho para o município e para suas vidas, procuraram apoio em um morador local, estudioso da obra de Guimarães Rosa, para que um novo grupo fosse criado. Nasce então os novos Contadores de História no município, que agora atuam fora dos limites do museu. Surgem conjuntamente as caminhadas eco-literárias. Um produto turístico dedicado à junção entre o espaço físico e a literatura; entre o urbano e o rural, que por meio da ludicidade do caminho, e da obra de Guimarães Rosa, desvendam novas possibilidades relativas ao turismo para além das grutas.

Em Sete Lagoas, descobriu-se a terra natal de Mauro Faccio Gonçalves, o personagem Zacarias do programa *Trapalhões*. Nessa cidade, seu acervo estava se perdendo, mas recentemente foram iniciadas algumas ações para a criação do museu do Zacarias.

Essa riqueza cultural ainda carece de planos e projetos, de modo específico de longo prazo, para que possam ser usufruídos pela comunidade e pelos visitantes, ou seja, para beneficiar a fruição da cultura dessa região. Além disso, para que sejam valorizados e reconhecidos como traços marcantes da cultura local, e que, portanto, devem ser preservados. Esses projetos nasceram na base local, mas é preciso que sejam integrados à região.

Paradoxalmente, o termo *indústria* (Figura 3) é pouco associado ao turismo. No contexto das entrevistas, ele é empregado para comunicar a inexistência de indústrias, consideradas como significativa fonte geradora de emprego e renda (Cordisburgo), para relatar o fechamento das indústrias cimenteiras, e conseqüentemente de postos de

trabalho (Pedro Leopoldo), ou para citar a influência dos diversos projetos causadores de impacto ambiental, de modo específico o aeroporto de Confins, e em decorrência as medidas compensatórias. Essas por sua vez possuem relação direta com a gestão das unidades de conservação, e conseqüentemente a RGPL.

O turismo, na minha opinião, ele vai alavancando qualquer **comunidade**, mas é aos poucos. Como diz o Guimarães Rosa na literatura dele: **aos poucos o escuro é claro**. Você está no escuro, você tem que acostumar com ele pra que você ande. Então eu percebo que as pessoas às vezes não têm muita paciência, sabe? No meu olhar. O cara monta um restaurante e ele quer que amanhã ele tá cheio de gente, mas é desde o princípio do turismo eu vejo que esse boca a boca, que hoje é usado no *WhatsApp*, que é a mesma coisa. Pra mim, é a mesma coisa. Ele é desde àquela época, ele é interessante. [...] Porque **o turismo é as pessoas de fora que vem**. Você vem, conversa comigo, com outro. Vai no restaurante do fulano. Vai no hotel do ciclano e vai embora. Aí fica... **as pessoas que moram no lugar acham um pessoal separado, né?** [...] Eu acho que o turismo funciona com as pessoas do lugar (MEIO, 14 fev. 2017). (Grifos da autora).

Quanto mais gente passando na porta daquela igreja da Jaguará lá, mais chance da gente consolidar aquela ruína. Mais chance do **mundo saber a história daquilo ali que tá se perdendo**, sabe? Essas coisas que é fazer turismo de verdade. Fazer a atividade de turismo ser realidade. Não ficar na beira da estrada. (MITO, 21 mar. 2017). (Grifos da autora).

**turismo é receber, mostrar, chamar, repetir, é um ciclo** que os próprios que vão vindo são os que vão fazer a propaganda e que traz não só... **Em dois sentidos** eu vou e desfruto e eu recebo bem e tenho lucro também com isso. Então não é só o **lucro humano** como também o **lucro pecuniário**. (MIRANTE, 16 jun. 2016). (Grifos da autora).

Ao refletir sobre a relação do turismo com a Rota, percebe-se que essa exerceu e continua exercendo um papel importante nas transformações que envolvem a dimensão ambiental. Destacam-se as principais preocupações e interesses dos órgãos ambientais, Secretaria de Meio ambiente e Desenvolvimento - SEMAD e Instituto Estadual de Florestas - IEF, que compreendem, por exemplo, a proteção do meio ambiente, a

conservação, e usufruto das unidades de conservação abrigadas pelo projeto, visando alcançar os meios necessários para exercer suas atividades fins, e para que os planos de manejo sejam executados, incluindo aí a visitação.

O IEF não tá preocupado na questão financeira porque a arrecadação aqui a gente não depende dela pra sobreviver porque não dá. A bilheteria não é suficiente pra manter a folha de pagamento dos terceirizados ou a manutenção, a luz, sabe? Todas essas despesas. Então, pra nós, **o ganho maior é a conservação mesmo. É a conservação.** Da gente ter esse lugar aqui sendo visitado, sendo divulgado e preservado (DA TORRE, 13 mar. 2017) (Grifos da autora).

Consciente de que o projeto nasceu dentro dos órgãos ambientais, percebe-se que outros objetivos permeavam o mesmo, até mesmo objetivos da gestão pública estadual.

[...] ele faz parte do Pacto com o Cidadão, então é uma meta, né, que tem que ser cumprida... [...] **são vários eixos aí: pesquisa, desenvolvimento de pesquisa, é... promoção do turismo,** né? (ESQUECIMENTO, 06 fev. 2017) (Grifos da autora).

Vários foram os relatos que demonstram as mudanças que ocorreram por influência direta de novos decretos que definiram as unidades de conservação também geraram conflitos. Esses conflitos estavam relacionados, sobretudo, às normas ambientais que estavam sendo implementadas, e havia uma insuficiência acerca da compreensão dos motivos pelos quais as mudanças estavam sendo postas em prática. Entretanto, há indícios nos relatos de que essa fase foi superada com diálogos e aproximação com a comunidade. É preciso destacar que esses conflitos ocorreram apenas com os órgãos ambientais.

O lazer se faz presente ao analisar o turismo, embora de maneira mais tímida na análise das 50 palavras mais citadas (Figura 3). Talvez pela constatação na literatura de que este, do ponto de vista do turismo, é na maioria das vezes circunscrito a um

segmento de mercado.

Contudo, as informações reafirmam a ligação existente, ou seja, a porosidade discutida anteriormente. Poder-se-ia dizer que o “turismo é o lazer dos que viajam”, conforme afirma Coriolano; Vasconcelos (2014, p. 9). Mas, a Figura 3 evidencia que essa concepção apresenta limitações, uma vez que há outras relações mais significativas que o distanciam da visão que o associa ao capitalismo, e ao lazer mercadoria, aproximando-o de outras como, por exemplo, a proteção e valorização do meio ambiente e da cultura.

Por isso, é preciso ampliar o olhar sobre ambos, e não o contrário. Há tipos de turismo que não se encaixam nessa relação, e, portanto, ao considerá-lo de maneira enfática como uma forma de lazer mercadoria, incorre-se na redução deste fenômeno que é multifacetado (URRY, 2001), e, conseqüentemente, um retrocesso para o conhecimento.

Para estimar a correlação entre os temas, na visão dos entrevistados sob a técnica análise de *cluster*, as informações foram submetidas a interpretações a partir dos coeficientes de similaridade de palavras – Pearson, e por codificação – Jaccard.

Os resultados explicitam uma correlação forte entre eles, revelando que o espaço de distanciamento é reduzido. Essa constatação reafirma os resultados discutidos anteriormente, e foi uma surpresa para este estudo, uma vez que se considerava que a correlação existisse, porém com menor intensidade.

Destarte, os índices apurados evidenciam a necessidade de refinamento para as pesquisas que tenham como escopo a distinção entre esses dois fenômenos, pois há mais elementos de conjunção do que de distanciamento. Portanto, pondera-se sobre a necessidade de “considerar a alternativa que os visualiza como campos fronteiriços,

contribuindo para conduzir a uma elaboração de interfaces mais amplas e menos parciais para esses dois fenômenos” (SANTOS; GOMES, 2016, p. 431).

**Tabela 1: Correlação Pearson – turismo e lazer**

Nó A	Nó B	Coefficiente de correlação de Pearson
Nós\\TURISMO	Nós\\LAZER	0,903651

Fonte: Nvivo – dados da pesquisa.

**Tabela 2: Correlação Jaccard – turismo e lazer**

Nó A	Nó B	Coef.Jaccard
TURISMO	LAZER	0,833333

Fonte: Nvivo – dados da pesquisa.

Ainda que os dados apontem para uma forte integração entre os dois termos, explicitando empiricamente que são campos circunvizinhos (tabelas 1 e 2), considera-se mister apontar prováveis disjunções vislumbradas a partir dos resultados.

Para empreender essa diferenciação, recorreu-se ao pensamento de Urry (2001), ao afirmar que o turismo é uma experiência que pressupõe alguma deslocação através do espaço. Requer a viagem, a permanência, e, por conseguinte, um distanciamento do local de residência e daquilo que é habitual, diferentemente do lazer. Desse modo, o conceito de afastamento, compreendido como uma ruptura parcial e temporária com as práticas e rotinas cotidianas conformam-se como um elemento de distanciamento entre os dois campos. Essa ruptura com o habitual permite a abertura de outros estímulos/sentidos, desperta interesse e curiosidade, e, assim, possibilita a fruição de experiências distintas e separadas do dia a dia.

As experiências, por sua vez, podem ser autênticas ou não. E sob esse olhar, destaca-se outro ponto, que é a presença do termo *lazer turístico*, empregado por um

entrevistado, em referência a um meio de hospedagem que se instalou no município. Corresponde a um hotel familiar, que oferece além dos serviços de hospedagem, opções variadas de lazer e de alimentação, apresentando características de um *resort*.<sup>4</sup> Supõe-se, portanto, o distanciamento entre turista e comunidade local. Muito embora o empreendimento destacado promova ações de interação com os atrativos da cidade, e diferentemente de outros empreendimentos similares, emprega mão de obra local, e prima pela qualificação de seu pessoal. Ainda assim, depreende-se que o termo lazer turístico sugere uma possível associação ao que Urry (2001) chama de “bolha ambiental”. Remete, portanto, a uma provável alienação, onde o prazer é encontrado em locais onde as atrações são inventadas, ou apresentam pouca autenticidade, em locais aparentemente seguros.

A opção por essa prática pode ser variada. No contexto desta pesquisa, surge como uma opção do hóspede/turista, que exercendo seu direito de escolha, opta por ficar somente naquele local. É possível vislumbrar, no caso em destaque, que o afastamento das pressões exercidas pelo cotidiano, ou seja, um tempo de distanciamento, pode favorecer a aproximação entre os membros de uma família, ou simplesmente a busca por bem-estar, que é o que parece motivar o deslocamento e a permanência naquele empreendimento hoteleiro.

Ao observar detalhadamente a Figura 3, pode-se depreender que o lazer figura de modo diminuto. Ao refinar a pesquisa, analisando as 20 palavras mais citadas (Figura 4), percebe-se que este é totalmente invisibilizado. Essa invisibilização é claramente

---

<sup>4</sup> Esse empreendimento tem apresentado elevadas taxas de crescimento. Em decorrência da demanda potencial, novas unidades habitacionais estão sendo construídas. Embora ofereça tudo o que o turista precisa durante sua estadia, o hotel disponibiliza serviço de transfer para a cidade, favorecendo a visita ao município. Porém, a demanda por esse serviço, segundo o proprietário, não é alta. Uma justificativa é a pouca oferta de atrativos na cidade, inclusive de meios de restauração, e também a preferência dos hóspedes pela tranquilidade oferecida pelo local, com diversificados atrativos naturais e rurais.



ações são de qualificação profissional, orientadas pela lógica de mercado. No lazer, o sentido parece ser distinto. O objetivo segue em direção ao morador, e, geralmente, está associado à qualidade da saúde física e emocional.

Em outra direção, foi possível constatar a partir da pesquisa que há uma mudança na maneira de conduzir o turismo. Os municípios estão mais conscientes de que precisam definir o que almejam, ou seja, o primeiro passo para estabelecer um objetivo coletivo, e como alcançar seus propósitos, embora ainda exista exceções. Há um sentido de responsabilidade para fazê-lo acontecer, o que evidencia o início do processo de transformação em direção à orientação *bottom-up* nas ações que serão empreendidas pelos municípios.

A noção do pensar a região, apontada pela política de turismo, mas a partir de atuação local, tem ganhado vivacidade, notadamente em Sete Lagoas e Jequitibá, este segundo integrando não integra o projeto, mas sim o Circuito Turístico das Grutas, ou seja, o conjunto de municípios que integram a região turística abrangida pela política de regionalização do turismo. Esses são os dois municípios mais conscientes da dependência da ação local para que se possa modificar uma lógica instalada.

### **Considerações Finais**

Ao observar as acepções de lazer e de turismo presentes em documentos e enunciadas por atores inseridos no projeto Rota das Grutas de Peter Lund, foi possível constatar que o lazer é percebido como algo presente no dia a dia, e sua fruição são corriqueiros e de natureza pessoal para os entrevistados. A relação dicotômica tempo de trabalho e não trabalho, decorrente da visão eurocêntrica, cede espaço para outras percepções e demonstra o distanciamento dessa visão restritiva do lazer, favorecendo

aproximações a outras concepções, como a assumida por este estudo, que o considera como uma dimensão da cultura (GOMES, 2011; 2014), e um direito social (GOMES e ISAYAMA (2015)).

Também foi possível perceber, na visão dos entrevistados, o distanciamento do turismo da dimensão econômica, embora esteja presente. O conjunto da análise, expresso pelas nuvens de palavras, análises de *cluster* e associação aos trechos das falas, explicita que o turismo e o lazer estão fortemente associados, na visão dos entrevistados, e essa aproximação demonstra as relações sociais e a cultura como pontos convergentes. Também foi evidenciada a porosidade entre esses campos do conhecimento, por isso, considera-se pertinente que sejam considerados como campos circunvizinhos e não sobrepostos. Há também uma significativa mudança na compreensão dos sujeitos, sobretudo ao apontar modificações quando se considera a centralidade de cada um dos conceitos, o que se torna mais significativo ao observar as interações entre eles. O olhar foi ampliado, figurando questões relacionadas à vida, corroborando, dessa forma, a visão adotada neste estudo, e permitindo assinalar a existência de uma linha de interação e visão compartilhada sobre os conceitos de turismo, lazer, e sua apreciação enquanto fenômenos sociais, ao perceber a ampliação do olhar para dimensão humana. Considera-se, portanto, que essa é a base fundamental para que os processos de transformações sociais sejam engendrados à parte da base local, favorecendo a endógena, o que se espera em projetos cujo turismo seja objeto, como o analisado. Essa percepção foi constatada tanto na análise individual, quanto em conjunto. Assim, quando se considera o que foi relatado pelos entrevistados, fica evidenciado o distanciamento entre os conceitos da dimensão econômica e a aproximação desses à dimensão humana, o que representa uma evolução significativa.

A dimensão humana, que não é estática, se estabelece a partir de um processo de retroalimentação, cujo eixo central é a interação do indivíduo com o meio no qual está inserido e consigo mesmo. Isso implica compreender que o turismo e o lazer foram associados a uma dimensão mais ampla, evidenciando a importância das relações estabelecidas entre eles e as diversas outras interações possíveis. Por isso, acredita-se na possibilidade de outras abordagens que possibilitem que esses sejam ferramentas mobilizadoras de diversas experiências interculturais, nas quais o desenvolvimento econômico seria observado como uma consequência, e não como fim. Desse modo, afirma-se que são fenômenos relacionais, demandando que essa visão seja transposta para as políticas, planos e projetos, permitindo uma articulação mais profunda entre os conceitos em uma aplicação prática, pensando para além das questões econômicas. Ao transportar essa visão para projetos como a RGPL, seria possível evitar, por exemplo, a invisibilização do lazer, como apontam as informações analisadas, o não distanciamento dos autóctones dos espaços de lazer, e a visão deturpada que os percebe apenas como um atrativo turístico a ser oferecido aos visitantes.

O caminho trilhado por esta pesquisa considerou a existência de outras racionalidades para os conceitos, ao ponderar a necessidade de deslocar o olhar para as pessoas. Isso foi evidenciado, principalmente, quando foi analisada a interação entre eles. Os resultados apontam que eles estão associados, na visão dos sujeitos, permitindo afirmar que a centralidade quando considerados o turismo e o lazer, precisa ser fundamentada em processos de transformação social e coletiva, de modo emancipatório, permitindo a redistribuição dos recursos materiais e simbólicos (SANTOS 2010). Significa, igualmente, minimizar a tensão homogeneidade/heterogeneidade, e a tendência à fragmentação, características marcantes dos conceitos hegemônicos.

Ainda assim, subsiste uma oscilação acerca da compreensão de turismo, sendo ora compreendido como um fenômeno econômico, ora como um fenômeno social. Essa oscilação incide sobre as ações implementadas, não discutidas neste artigo, e nos resultados observados, favorecendo o uso do turismo como uma justificativa, e ou um discurso político no contexto do projeto analisado. Essa oscilação, e a falta de um nivelamento entre o que se compreende com essa atividade e o que se espera dela, presente nos documentos, limita o avanço do processo de governança em projetos de natureza governamental cujo turismo é o escopo.

Seguindo em direção às possibilidades, para esta pesquisa, a relação entre turismo, lazer, está associado à ampliação das capacidades humanas decorrentes de processos de cidadania, oportunizando transformações sociais positivas. Aponta para a necessidade de retornar a um passo atrás, na organização da vida coletiva de cada um dos municípios e da região.

Acredita-se que o turismo e o lazer derivam de práxis sociais coletivas, em uma relação dialógica no tempo-espaço, requerendo uma abordagem humanizada e endógena, sem desconsiderar a dimensão econômica. Estão intimamente ligados à dimensão humana, transcendendo aspectos materiais e físicos, os direitos de cidadania e valores de sociabilidade.

Interessa destacar que a dimensão humana/social, territorial e ambiental assume o protagonismo e são representadas pela interação entre pessoas e o meio ambiente a que estão inseridos configurando a característica marcante quando se trata da concepção de lazer e de turismo. Por outro lado, as dimensões política, e econômica estão mais presentes quando se trata do turismo. Talvez pelo fato do estudo envolver um projeto de governo que envolve, mas também pelo fato de o lazer, percebido como algo presente

no cotidiano e sua fruição decorrente de motivações e interesses pessoais, não sejam observados pelos sujeitos como alvo quando se trata de projetos que envolvam o turismo. Isso demonstra uma provável contradição quando se observa a forte associação entre os conceitos permitindo apontar para algumas distinções. Enquanto a fruição do lazer é expressa como algo próximo, intimista corriqueiro e presente no dia a dia, e de natureza muito pessoal, o turismo é percebido como algo mais distante, que demanda organização, tanto para o poder público, iniciativa privada, quanto para o turista, bem como o distanciamento físico e temporal do lugar de moradia. Desse modo, o deslocamento, enquanto categoria de estudo é apontada como traço marcante para a distinção entre os conceitos estudados.

Para concluir, este estudo analisou as acepções de turismo e lazer nos contornos do projeto de governo denominado Rota das Grutas de Peter Lund. É importante ressaltar que as informações aqui discutidas são um recorte de uma pesquisa de maior amplitude, desenvolvida dentro do programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Logo, as ações do projeto não foram escopo de análise neste texto.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marina; ISAYAMA, Hélder F. As fronteiras entre turismo e lazer. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 10, 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009. p. 145-150.

ARDILA, A. Turismo, los orígenes y significados. **Turismo e Sociedade**. XVIII. p. 143-153, 2015. Disponível em: <http://doi.org/10.18601/01207555.n17.09>. Acesso em: 17 jun. 2018.

BRAMANTE, A. C. Lazer: Concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, 1998.

CAMARGO, L. O. L. Lazer: Concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 28-36, 1998.

CARVALHO, M. S. MOESCH, M. M. Turismo como fenômeno social e suas implicações no espaço rural. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 6, n. 2, p. 442-457, maio-jul. 2013.

COOPER, C.; HALL, C. M.; TRIGO, L. G. G. **Turismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CORIOLOANO, L. N.; VASCONCELOS, Fábio P. Lazer e Turismo: Novas centralidades da sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 3-22, 2014. Disponível em: <http://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/773/637>. Acesso em: 17 jun. 2018.

ELIZALDE, A. Desarrollo a Escala Humana: conceptos y experiencias. **INTERAÇÕES. Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 1, n. 1, p. 51-62, set. 2000. Disponível em: [http://www.researchgate.net/publication/233809750\\_Desarrollo\\_a\\_Escala\\_Humana\\_conceptos\\_y\\_experiencias](http://www.researchgate.net/publication/233809750_Desarrollo_a_Escala_Humana_conceptos_y_experiencias). Acesso em: 05 jun. 2018.

ESFERA CONSULTORIA. **Fomento à operacionalização da Rota das Grutas de Peter Lund**. Etapa 1 – Mapeamento dos atores Locais. Belo Horizonte, abr. 2014.

ESFERA CONSULTORIA. **Fomento à operacionalização da Rota das Grutas de Peter Lund**. Etapa 2. Formatação do banco de dados: Público Científico em Potencial. Belo Horizonte, maio 2014.

ESFERA CONSULTORIA. **Fomento à operacionalização da Rota das Grutas de Peter Lund**. Etapa 3. Mobilização e Sensibilização. Belo Horizonte, jun. 2014.

ETGES, V. E. O lazer no contexto das múltiplas dimensões do desenvolvimento regional: uma abordagem crítica da cultura e do lazer nas sociedades capitalistas globalizadas. In: MÜLLER, A. DaCASTA. L. P. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 133-143.

FARIA, J. A. S.; GOMES, C. L. El ocio y el turismo en los artículos publicados en revistas académicas de turismo. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Argentina, v. 22, p. 875-892, 2013.

FIGUEIREDO, S. L.; NOBREGA, W. R. M. (Org.). **Turismo, lazer e planejamento urbano e regional**. Belém: NAEA, 2008.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2009.

FRANZINI, R. X. **O turismo como opção de lazer**. Livrovilla. Disponível em: <https://livrovilla.com/broc165970/o-turismo-como-opcao-de-lazer>. Acesso em: 04 jun. 2018.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. 2. ed. São Paulo: Ed. Cortez; Instituto Paulo Freire, 1998. Disponível em: [www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2793](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2793). Acesso em: 20 jun. 2018.

GASTAL, S; MOESCH, M. M. **Turismo, Políticas Públicas e Cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, C. L. *et al.* (Org.). **Lazer na América Latina: Tiempo Libre, Ocio y Recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. 398 p.

GOMES, C. L.; PINHEIRO, M. LACERDA, L. **Lazer, turismo e inclusão social: intervenções com idosos**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GOMES, C. L. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, set. 2011. Disponível em: [www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV14N03\\_ar1.pdf](http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV14N03_ar1.pdf), 2011. Acesso em: 20 jun. 2018.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan.-out. 2014.

GOMES, C. L. Compreensões de Lazer/Ocio na América Latina. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, dez. 2013.

GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Org.). **O Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2015.

GOMES, C.M. **Dumazedier e os Estudos do Lazer no Brasil: breve trajetória histórica**. Disponível em: [ufsj.edu.br/.../1-dumazedier\\_e\\_os\\_estudos\\_do\\_lazer\\_no\\_brasil-breve\\_trajetoria\\_historica](http://ufsj.edu.br/.../1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil-breve_trajetoria_historica). Acesso em: 20 jun. 2018.

GOMES, C.; SOUZA, T. R. La Temática del Ocio Según Los Docentes de Las Carreras de Turismo. Minas Gerais, Brasil, **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 20, p. 127-148, 2011.

LACERDA, L. L. L. Interface Turismo – Lazer: Reflexões sobre as interações desses “campos” de estudo na realidade brasileira. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 12, n. 3, p. 299-313, 2010. Disponível em: [www.univali.br/revistaturismo](http://www.univali.br/revistaturismo). Acesso em: 20 jun. 2018.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo: Conceitos Modelos e Sistemas**. São Paulo: Aleph, 2012.

MARCELLINO, N. C. L. Lazer: Concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 37-43, 1998.

MARCELLINO, N. C. Lazer como fator e indicador de desenvolvimento regional. In: MÜLLER, A. DaCASTA. L. P. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. p. 41-51.

MARCELLINO, N. C. *et al.* **Lazer Cultura e Patrimônio Ambiental Urbano –**

Políticas Públicas. Os casos de Campinas e Piracicaba – SP. Curitiba: OPUS, 2007.

MARÔCO, J. **Análise estatística com o SPSS statistics**. 6. ed. Portugal: ReportNumber, 2014.

MENICUCCI, T. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos: In ISAYAMA, H. F; Linhares, M. A. (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MINAS GERAIS/BRASIL. Estratégia de Desenvolvimento Turístico “Rota das Grutas de Peter Lund”. Volunteers/WNWTO – **Themis**, v. 1, 2011. Disponível em: <http://www.dropbox.com/s/13hq2pg0fwxzqup/Plano%20Estrat%C3%A9gico%20Rota%20Lund%20vol1.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2018.

MINAS GERAIS/BRASIL. Estratégia de Desenvolvimento Turístico “Rota das Grutas de Peter Lund”. Volunteers/WNWTO – **Themis**, v. 2, 2011. <http://www.dropbox.com/s/kmhhhi05xz6tidrn/Anexos%20Rota%20Lund.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MINGOTI, S. A. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada**. Uma abordagem aplicada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

MOESCH, M. M.; GASTAL, S. **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOESCH, M. M.; GASTAL, S. Turismo como fenômeno social e suas implicações no espaço rural. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 442-457, maio-jul. 2013.

MOESCH, M. M.; GASTAL, S. O lazer faz o elo: Reinventar as políticas públicas para o lazer e o turismo humanizadores. In: \_\_\_\_\_. **Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2015.

MORTIGNONI, L. CORONA, H. M. P. Lazer e a ruralidade contemporânea para além da racionalidade capitalista. **O desenvolvimento regional em debate**, v. 3, n. 1, maio 2013. Disponível em: <[www.periodicos.unic.br](http://www.periodicos.unic.br)>. Acesso em: 02 jun. 2018.

MÜLLER, A.; DaCASTA, L. P. **Lazer e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002. 230 p.

NOBREGA, W. R. M. Turismo, desenvolvimento e políticas públicas: Limites e avanços no Estado do Pará. In: AZEVEDO *et al.* (Org.). **Turismo em Foco**. Belém: NAEA, 2013. p. 92-115.

OLIVEIRA, A.P. G. S. **Conectando trechos do caminho: Turismo, lazer e desenvolvimento regional no contexto do projeto estruturador Rota das Grutas de Peter Lund - MG**. [manuscrito] Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas

Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2018. 199 f.

ONGHENA, Y. Actores, lugares y movilidades: apuntes para gestionar el turismo. Líneas transversales de los debates. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, n. 113, p. 161-184, sept. 2016. Disponível em: <[www.cidob.org](http://www.cidob.org)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ORDURA, G.; URPÍ, C. **Turismo cultural como experiencia educativa de ocio** », Polis [En línea], 26 | 2010, Publicado el 19 abril 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/10> . Acesso em: 17 mar. 2017.

PANOSSO NETTO, A.; NECHAR, M. C. **Turismo: Perspectiva crítica**. Textos resumidos. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

PRONOVOST, G. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo: Senac, 2011.

RUIZ, M. D. Turistofobia. **Jornal El País**, 12 jul. 2008. Disponível em: [https://elpais.com/diario/2008/07/12/catalunya/1215824840\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2008/07/12/catalunya/1215824840_850215.html). Acesso em: 05 jun. 2018.

SANTOS, B. de S. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, T. N. A. dos. **Interfaces entre lazer e turismo em teses e dissertações brasileiras: estado do conhecimento (2009 -2015)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SANTOS, T. N. A. dos; GOMES, C. L. Interfaces Lazer-Turismo: Um Estado do Conhecimento. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 8, n. IV, p. 419-434, out.-dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v8i4p419> Acesso em: 20 jun. 2018.

SHARPLEY, R. **Tourism, environment, and development: beyond sustainability?** Londres: Earthscan, 2009.

SHARPLEY, R.; TELFER, D. **Tourism and Development: Concepts and Issues**. 2. ed. Clevedon: Library of Congress Cataloging in Publication Data, 2015.

SOUZA, T. R. **Lazer e Turismo: Reflexões Sobre Suas Interfaces**. 6. SEMITUR. Universidade de Caxias do Sul. 2010. Disponível em: [https://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/gt11/arquivos/11/Lazer%20e%20Turismo%20Reflexoes%20Sobre%20Suas%20Interfaces.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt11/arquivos/11/Lazer%20e%20Turismo%20Reflexoes%20Sobre%20Suas%20Interfaces.pdf). Acesso em: 10 jun. 2018.

TAVEIRA, M. & GONÇALVES, S. Lazer e turismo: análise teórico-conceitual. p.1-23

In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO TURÍSTICA, 5, São Paulo. p. 1-23. **Anais eletrônicos**. São Paulo. 2012.

TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETTO, A. **Reflexões Sobre um Novo Turismo**. Política, Ciência e Sociedade. São Paulo: Ed. Aleph, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS/UFMG/FUNDEP. **Projeto “Observatório de Turismo Rota das Grutas de Peter Lund”**. FUNDEP. Belo Horizonte: Instituto de Geociências, 2012.

URRY, J. **O Olhar do Turista**: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel; Sesc, 2001.

**Endereço da Autora:**

Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira  
Instituto de Geociências da UFMG  
Av. Antonio Carlos 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31.270-901  
Endereço Eletrônico: [anaguimaraess@ufmg.br](mailto:anaguimaraess@ufmg.br)